



**ECONOMIA E MERCADO DE TRABALHO: DIVERGÊNCIAS DO
DESENVOLVIMENTO BRASILEIRO**

Helio Braga Filho

hgp@com4.com.br

Jonatan Pousa

pousa.jonatan@gmail.com

Janete Carla de Oliveira

janetecod@gmail.com

Adna Espedita da Silva

adnaedasilva@gmail.com

Daniel dos Reis Cardoso de Faria

fariaribpreto@gmail.com

Palavras-chave: Economia. Mercado de trabalho. Salário. Desenvolvimento.

1. INTRODUÇÃO

Enquanto atividade humana convergente ao suprimento material e não material das necessidades humanas, a produção de bens e serviços constitui uma das mais significativas categorias da Economia, mesmo porque, está diretamente articulada à Divisão Social do Trabalho (DST) e Divisão Técnica do Trabalho. Assim, a DST relaciona-se à divisão da economia entre os seus grandes setores de atividade, enquanto a DTT diz respeito às diferentes qualificações/ocupações comandadas pela primeira.

1.1. Pergunta Problema e Objetivos

Assim, o problema da pesquisa baseou-se na seguinte averiguação: de que maneira se comportou o mercado do trabalho no ano de 2010, comparativamente ao ano de 2022? Os objetivos específicos resumiram-se em verificar: a) distribuição da população ocupada por grandes setores de atividade econômica; b) o tempo médio de emprego em meses por setor; c) a distribuição da população ocupada por nível de produtividade da categoria ocupacional de empregadores; d) a distribuição dos empregos por faixa etária; e) a distribuição do pessoal ocupado total por classe de tamanho das empresas; f) a composição dos empregos por faixa de remuneração e; g) a disposição das pessoas de 14 anos ou mais de idade por nível de instrução.

1.2 Justificativa

A economia brasileira, ainda enfrentou uma aguda recessão interna provocada pelo ajuste fiscal implementado pelo governo central (2015-2016) e, em seguida, foi novamente afetada pela epidemia global desencadeada pela COVID-19. Essas ocorrências exerceram impacto direto sobre o nível de atividade econômica e, por conseguinte o nível de emprego, visto que, a taxa de desemprego aumentou de 6,7% em 2010 para 14,9% em 2020, voltando a cair para 9,3% em 2022. Para comparar o que ocorreu no mercado de trabalho no ano de 2010 e 2022 no Brasil, em virtude daqueles eventos, justifica-se o motivo da escolha dessa questão.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Juntas a DST e a DTT formam a estrutura produtiva e ocupacional de uma economia, sendo que, ambas podem conformar estruturas mais simples e homogêneas ou mais amplas e heterogêneas. Entretanto, independentemente de sua conformação o nível de emprego condiciona-se a um variado elenco de fatores, a exemplo do comportamento da oferta e da

demanda agregada; da taxa de juros; do nível geral dos preços (inflação); da taxa de câmbio; do comportamento das contas públicas; do setor externo entre outros. Considera-se também que nas fases de boom econômico a taxa de desemprego é baixa, ao contrário das fases recessivas quando ela é mais alta. Admitindo o produto total de uma economia como uma função de produção podemos expressá-la por:

$$Y = F(\bar{K}, N)$$

[...] onde Y é a produção real, K é o estoque de capital (planta e equipamentos) e N é a quantidade de mão-de-obra, [...]. No curto prazo, supõe-se que o estoque de capital seja fixo, [...]. A tecnologia e a população também são, por suposição, constantes no período considerado (FROYEN, 1999, p.47).

Diante da conjuntura mais recente da economia brasileira, o mercado de trabalho no país também passou por mudanças estruturais significativas sobretudo em virtude da redução da participação da indústria de transformação e ampliação do setor terciário no PIB.

De maneira geral, o ciclo da industrialização e urbanização nacional representou a transformação da força de trabalho alocada em setores de menor produtividade e remuneração para os de maior produtividade e rendimento do trabalho. [...] Na transição atual para a sociedade de serviços, [...], as informações oficiais existentes apontam para o sentido inverso, ou seja, a destruição de atividades e ocupações situadas nos segmentos de maior produtividade e remuneração e a expansão dos postos de trabalho de menor produtividade e rendimento (POCHMANN, 2020, p.95).

De acordo com a PNAD Contínua 2012-2022 do IBGE – registrou redução nas atividades da agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e agricultura; indústria geral; construção e serviços domésticos. Em sentido oposto aumentou a participação da população ocupada nas atividades de comércio; transporte; armazenagem e correio; informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas; administração pública e outros serviços. Ainda assim, mais de 65% da força de trabalho ocupada formalmente estaria alocada em atividades de menores salários e qualificação.

3. METODOLOGIA

Com o propósito de comparar o objeto da pesquisa i.é., o mercado de trabalho brasileiro em 2010 diante do ano de 2022, recorreremos enquanto técnica de investigação ao método comparativo.

Por sua vez, utilizamo-nos de um seletor conjunto de dados estatísticos originais extraídos de fontes secundárias a exemplo do Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE);

Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA); Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL); e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). As variáveis utilizadas nesse estudo relacionam-se: ao total de vínculos ativos por setor; ao tempo médio de emprego em meses por setor; à distribuição da população ocupada por nível de produtividade e categoria ocupacional; à distribuição da população empregada por faixa etária; ao total de pessoas ocupadas nas empresas e outras organizações por classe de tamanho das empresas; à distribuição dos empregos (vínculos ativos formais) por faixa de remuneração (em Salários Mínimos) e a distribuição das pessoas empregadas de 14 anos ou mais de idade total na semana de referência por nível de instrução.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Comparando o ano de 2010 com o de 2022 verificamos: a) uma redução da participação da IT e da AP e aumento da participação dos serviços no total de vínculos ativos formais; b) nos setores como Extrativa Miner. Construção, Comércio e Serviços, Agropecuária e AP o tempo médio de permanência no emprego aumentou; c) uma redução da população ocupada (empregadores, assalariados, conta própria) em atividades de baixa produtividade e um aumento da população ocupada nas atividades de média e de alta produtividade, embora 65% da população ocupada encontrava-se nas atividades de baixa produtividade; d) um expressivo incremento da população ocupada nas faixas etárias de 40 a 64 anos (45,7%) e de 65 anos ou mais de idade (175%); e) em relação ao pessoal ocupado total por classe de tamanho das empresas e outras organizações (como porcentagem do total de pessoas ocupadas) redução da participação das empresas grande porte -7,3% é elevação das microempresas em 49% f) a mesma porcentagem da quantidade de vínculos ativos (53%) nas faixas de remuneração de até 1,00 SM a 2,00 SM (Salários Mínimos); g) em relação às pessoas ocupadas de 14 anos ou mais de idade por nível de instrução registrou-se redução de 50,1% para 35,0% daquelas sem instrução ou fundamental incompleto e fundamental completo ou médio incompleto e daquelas pessoas ocupadas com ensino médio completo ou superior incompleto e superior completo a participação delas de 49,9% alcançou 65,0%.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No caso brasileiro, aguda turbulência ocorrera internamente em virtude de uma crise fiscal gestada pelo governo central a qual resultou de um profundo ajuste das contas públicas que provocou em 2015-2016 profunda retração da economia. Em seguida, sofreu nova retração provocada pela crise sanitária global gestada pelo COVID-19. Assim, a estrutura produtiva do país que vinha se modificando desde a década 1990 combinada com o baixo crescimento econômico produziu significativas mudanças no mercado de trabalho sobretudo na estrutura ocupacional. Apesar do nível de instrução da força de trabalho ter avançado ao menos quantitativamente, verificou-se que, essa melhoria não fora plenamente aproveitada posto, que persistiam ainda considerável proporção de pessoas na informalidade e ocupando atividades de média e de baixa tecnologia.

REFERÊNCIAS

FROYEN, Richard T. **Macroeconomia**. tradução de Esther E. H. Herskovitz. Cecília C.Bartalotti. – São Paulo: Saraiva, 1999.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Síntese **de Indicadores Sociais**, Cadastro Central de Empresas (CEMPRE).

MTE: Ministério do Trabalho e do Emprego - **Anuário RAIS** <https://www.gov.br>.

POCHMANN, Marcio. **Tendências estruturais do mundo do trabalho no Brasil**. – Revista Ciência & Saúde Coletiva, Vol. 25 N.1 – JANEIRO/2020. <https://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/tendencias-estruturais-do-mundo-do-trabalho-no-brasil/17424>.